

FACULDADE DOCTUM DE PEDAGOGIA DA SERRA

EMANUEL DE LIMA ESMERO

**A DANÇA COMO INSTRUMENTO EDUCATIVO
NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL**

**SERRA – ES
2017**

EMANUEL DE LIMA ESMERO

**A DANÇA COMO INSTRUMENTO EDUCATIVO
NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Faculdade Doctum de
Pedagogia da Serra como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lilian Pereira
Menenguci.

**SERRA – ES
2017**

EMANUEL DE LIMA ESMERO

**A DANÇA COMO INSTRUMENTO EDUCATIVO
NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL**

Artigo Científico apresentado à Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovado em 05 de julho de 2017 pela banca composta dos professores:

ORIENTADORA: PROF^a Dr^a LILIAN PEREIRA MENENGUCI

EXAMINADORA: PROF^a Me SANDILEUZA PEREIRA DA SILVA

EXAMINADORA: PROF^a Me VERÔNICA DEVENS COSTA

A DANÇA COMO INSTRUMENTO EDUCATIVO NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL ¹

Emanuel de Lima Esmero²

RESUMO: Este artigo resulta de uma pesquisa de natureza qualitativa que procurou compreender a relevância da Dança como instrumento educativo no contexto da Educação Não-Formal. Para isso, buscou uma Organização da Sociedade Civil (OSC), localizada na Serra (ES), como campo de investigação. A coleta de dados se deu por meio de questionários com perguntas abertas. Esses foram respondidos por 10 participantes entre alunos e pedagoga. Do ponto de vista teórico se sustenta em autores como Brandão (1993), Marques (2007), Pereira (2001), entre outros. Conclui que a Dança, apesar de ser garantida na Política Educacional, ainda é pouco assumida nos processos formativos mediados pelas instituições de ensino, tanto formais quanto não-formais. Os resultados acentuam a necessidade de compreensão da Dança, além de sua manifestação como movimento cultural. Destacam, ainda, as possibilidades que a Dança, como instrumento educativo, pode revelar no processo de aprendizagem e desenvolvimento de estudantes, tanto na escola quanto fora dela.

Palavras-chave: Dança. Ensino. Educação Não-Formal.

ABSTRACT: This article results from a qualitative research that sought to understand the relevance of Dance as an educational tool in the context of Non-formal Education. For this, he sought a Non-Governmental Organization, located in the Serra (ES), as a research field. For data collection, we used questionnaires with open questions. These were answered by 10 participants among students, teacher and pedagogue. From the theoretical point of view it is based on authors such as: Brandão (1993), Marques (2007), Pereira (2001), among others. It concludes that Dance, despite being guaranteed in the Educational Policy, is still little understood in the formative processes mediated by educational institutions, both formal and non-formal. The results accentuate the need for understanding of Dance, as well as its manifestation as a cultural movement. They also highlight the possibilities that Dance, as an educational tool, can reveal in the learning process and development of students, both in school and outside.

Keywords: Dance. Teaching. Non-Formal Education.

¹ Artigo produzido como requisito de avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra, sob orientação da Professora Dr^a Lilian Pereira Menenguci – em 2017/1.

² Concludente do Curso de Pedagogia da Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra (ES).

INTRODUÇÃO

O presente artigo, resultado de uma pesquisa de natureza qualitativa, buscou apresentar a relevância da Dança e as possibilidades que ela oferece para o desenvolvimento das relações interpessoais de estudantes do ensino fundamental II que frequentam projetos sociais de uma Organização da Sociedade Civil (OSC) constituindo-se, assim, em uma contribuição para o aprendizado e o desenvolvimento de escolares.

Tal interesse se manifesta por duas razões iniciais: primeiro, porque tenho uma relação direta com a Dança ao longo de minha trajetória pessoal e na condição de Educador Social, profissional que atua em projetos sociais; segundo, pelas vivências durante os processos de estágios realizados na qualidade de estudante do Curso de Pedagogia.

Durante os períodos de estágios supervisionados realizados ao longo do Curso de Pedagogia, foi possível identificar poucas experiências educativas curriculares que assumiam a Dança para além das manifestações culturais específicas. Quando essas experiências aconteciam geralmente, eram pensadas para o público de gênero feminino. O que ocorria, (e ainda ocorre), em função do preconceito relacionado à prática da dança pelo gênero masculino.

Marques (2007) escreve que o único espaço destinado à Dança nas escolas tem sido nas manifestações culturais. Nesses momentos, ela se torna relevante para as instituições, integrando programações como: mostras culturais, shows de talentos e outras ocasiões festivas, geralmente, relacionadas às datas comemorativas. De modo geral, ela é oferecida para as crianças nas aulas de Educação Física para a preparação de coreografias e ensaios, de acordo com o calendário escolar.

Em nosso entender, a Dança não deveria ficar restrita a esses momentos, uma vez que é possível inserí-la em outros contextos do currículo escolar assumindo-a, de fato, como instrumento educativo. Nesse sentido, não se pode

perder de vista que onde existe vida, existe movimento; e a Dança, entre outras coisas, é movimento. Na sucessão desses movimentos, é que ocorre, por meio da vivência corporal, individual e coletiva, a integração, as relações interpessoais entre os participantes. Essas são fundamentais para o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes.

Nesse sentido, entendendo a Dança como instrumento educativo, ela deve ser pensada como os movimentos que acontecem, diariamente, em nossas vidas. A experiência de comunicação criativa e interpretativa por meio de movimentos cotidianos deve ser possibilitada a todos os estudantes, principalmente nas escolas e ocupando espaços fora delas.

Dessa forma este trabalho, resultado de uma pesquisa de natureza qualitativa, realizado numa Organização da Sociedade Civil (OSC) localizada em Residência Jacaraípe, na cidade de Serra (ES), visa refletir sobre a importância da Dança como instrumento educativo com escolares do segundo ciclo do ensino fundamental bem como refletir sobre o ensinar por meio da Dança dentro e/ou fora do espaço escolar a partir de estudantes e da pedagoga que vivenciam o referido projeto.

Sabe-se que a Dança, pensada aqui como forma de instrumento educativo, não é compreendida, pela escola, a partir do seu potencial histórico, cultural e educacional. Na organização escolar, por exemplo, as disciplinas como Língua Portuguesa, Matemática, História, entre outras que compõem a matriz curricular, são consideradas indispensáveis à formação do estudante. Logo, nela não cabe a Dança como possibilidade de potencialização das aprendizagens e, conseqüentemente, do desenvolvimento social, cognitivo, cultural e emocional do estudante.

Assim, a partir dos estágios, partimos do pressuposto de que o corpo docente não faz uso de outras ferramentas além daquelas tradicionalmente encontradas na matriz curricular. Portanto, entre outros instrumentos educativos, a Dança, como possibilidade, é excluída! O que, evidentemente, é contrariado pelo pensamento de Pereira (2001, p.35):

[...] a Dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres. Verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do professor para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade.

Diante disso compreende-se que a Dança, dentro ou fora da escola, tem grande valor pedagógico e vai muito além de ensinar gestos e técnicas para os alunos. Trabalhar com a Dança permite ensinar, de modo mais divertido, todo o potencial de expressão do corpo humano, uma vez que se tem importante recurso para se trabalhar a linguagem corporal e até mesmo aumentar a socialização da turma.

A Dança pode beneficiar os estudantes na construção de saberes e conhecimentos, porém é preciso que a mesma faça sentido para esse sujeito, ou, do contrário o mesmo a perceberá apenas como uma forma de diversão, o que também é importante, certamente, mas não é o foco deste estudo.

Para a realização desta pesquisa, que necessariamente buscou em estudos de teóricos da área da educação como Brandão, Marques e Pereira, além de outros, bases para a sua fundamentação, também foram necessárias investidas na pesquisa de campo a fim de interpretar ideias e dialogar com o universo pedagógico a partir da Dança, dentro do contexto educativo, do projeto social, da Educação Não-Formal.

O artigo está organizado em quatro sessões. Na primeira, intitulada “*Os passos da Dança: um breve panorama histórico*”, apresentamos a historicidade da Dança bem como tentamos conceituá-la. Na segunda sessão, “*A Dança na Política Educacional Brasileira*”, trazemos as bases legais que sustentam a possibilidade de assumir a Dança como área de estudo e de produção do conhecimento no ensino fundamental. A terceira sessão, “*Metodologia e Análise de Dados*”, descreve o percurso metodológico bem como apresenta e analisa os dados coletados durante o estudo. Na quarta sessão, “*Considerações*”, trazemos, por fim, uma reflexão acerca do estudo e as possibilidades que ele revela.

Espera-se que este estudo possa contribuir de forma significativa para ampliar a visão dos leitores que a ele recorrerem como fonte de pesquisa para futuros trabalhos acadêmicos bem como seja capaz de despertar outros olhares acerca da dança como instrumento educativo.

1 A HISTÓRIA DA DANÇA: UM BREVE PANORAMA HISTÓRICO E SOCIAL

A Dança existe há milhões de anos, mesmo antes de ser chamada assim, os homens primitivos da era paleolítica já praticavam rituais considerados uma espécie de dança. Isso nos leva à ideia de que a dança é instintiva do ser humano, ou seja, basta apenas que o indivíduo esteja vivo e consiga realizar movimentos com seu corpo para assim dançar (RAMOS, 1982).

Ainda segundo Ramos (1982) muitas tribos primitivas acreditavam na divindade da dança, chegando a pensar, até mesmo, que os deuses se comunicavam com os homens através dessas danças. Dessa forma, ela surgiu como um instrumento de adoração aos deuses e com o passar do tempo foi sendo utilizada como ferramenta de sedução.

A dança foi chegando à diversas culturas e povos, tanto que na Grécia Antiga ganha um destaque importante na vida social, religiosa e artística, estando presente em rituais, principalmente aos deuses, e que permanecem em muitas culturas até nos dias atuais (RAMOS, 1982).

Já na Grécia Clássica, a dança se potencializa nos jogos, mais precisamente nas Olimpíadas realizadas. Platão, um dos filósofos gregos da época, definia a dança como uma honra aos deuses. Para ele, o homem que melhor dançava, também era o melhor guerreiro. Nessa perspectiva, a dança era uma ferramenta que dava ao corpo suas reais proporções (RAMOS, 1982).

É no Teatro Grego que a dança ganha o seu espaço. Com ele, um novo direcionamento: passos mais técnicos e sofisticados. Muitos pensadores se deslumbravam com a dança. Diziam que mesmo que uma pessoa que dançasse envelhecesse, sua aparência continuaria velha, mas, seu coração se transformaria como o de um jovem (PORTINARI, 1989).

Aos poucos, a dança foi ganhando novos significados e passando a ser vista não somente como uma forma de espetáculo, mas também, como ferramenta voltada à saúde e ao bem estar das pessoas, sem nenhum objetivo artístico, mas para preservação do corpo e da mente (PORTINARI, 1989).

Na Idade Média, aconteceu uma repreensão por parte da Igreja Católica, que determinou a proibição de danças realizadas em rituais e consideradas profanas. No entanto, mesmo com essa perseguição, muitas pessoas não deixaram de dançar em festas e outros eventos não religiosos, o que contribuiu para a popularização de danças de cunho não religioso (PORTINARI, 1989).

A sociedade feudal, sempre buscando status, criou uma dança diferenciada, onde se valorizava a estética e a métrica nos seus passos. Assim, de acordo com Portinari (1989) surgem os primeiros indícios da dança erudita.

Durante o Renascimento se tem notícias do aparecimento dos primeiros profissionais para estudar as expressões corporais. Com eles, o surgimento de novos gêneros de dança, como por exemplo, o swing. Nessa época, os primeiros livros sobre dança começam a ocupar as prateleiras (PORTINARI, 1989).

Na França foi criada a Academia Real de Dança, em 1713. Desde então, ela foi evoluindo e se diversificando em uma infinidade de gêneros que vão desde o Balé³ até à dança moderna (PORTINARI, 1989).

A dança perpassa o Romantismo, época marcada ainda por histórias de fadas e bruxas. Nesse período ela era vista como uma forma de, novamente, trazer a harmonia entre o homem e o mundo. Surgem as sapatilhas de Balé, o que traz uma grande revolução para esse período (PORTINARI, 1989).

³ Balé ou Ballet (do francês Ballet) é o nome dado a um estilo de dança que se originou nas cortes da Itália Renascentista durante o século XV, e que se desenvolveu ainda mais na Inglaterra, Rússia e França como uma forma de dança de concerto. Neste trabalho, em Língua Portuguesa, a opção é pela grafia “Balé”.

Na Modernidade, a dança vem com passos mais livres explorando movimentos, com improvisações e maior exploração das possibilidades do corpo humano (SIQUEIRA, 2006).

Na Contemporaneidade, ela passa a ser vista como arte, se preocupando não somente com a estética, mas com conceitos, ideias e culturas. Essa dança contemporânea teve início na década de 1960, simplesmente como forma de protesto contra a cultura clássica.

Em 1980, depois de muitas lutas, esse tipo de dança começou a ganhar seus próprios traços e ter uma linguagem específica, rompendo, literalmente, com os movimentos clássicos. A dança contemporânea, marcada por movimentos muito expressivos, reflete a sociedade e a cultura na qual está inserida se tornando um jogo do corpo e de movimentos (SIQUEIRA, 2006).

Por isso, de maneira geral a dança é considerada a arte de movimentar expressivamente o corpo seguindo movimentos ritmados, geralmente, ao som de música.

De acordo com Souza (2015) a dança não deve ser vista somente como algo artístico, mas, também, como terapêutica utilizada para recuperar a saúde e o bem estar do corpo e da mente, o que a torna uma ferramenta importante tanto para a educação como para a vida social de qualquer indivíduo.

Araújo (2009) explicita que:

A compreensão do que é dança dá-se por meio de uma série de fatores culturais, que são construídos com o passar do tempo e refletem a especificidade de cada local. Sendo assim, a dança toma seu significado de acordo com o contexto histórico, político e social no qual se insere. (ARAÚJO, 2009, p.22)

A dança, sem dúvida, possibilita a manifestação e a expressão do movimento humano. No âmbito educativo, ela é pedagógica e proporciona, por meio do ensino, valores e conhecimento do espaço cultural. Além disso, também pode ser utilizada como meio de crítica social em relação ao sexismo – que, pré-

estabelecido pela sociedade, direcionada a dança para um público de gênero feminino.

Mediante isso, Marques (2008) afirma,

[...] que toda criança/adolescente tem o direito de dançar. É um dos princípios praticamente inabaláveis da 'dança criativa'. Por trás da afirmação está a justificativa da inclusão da dança como disciplina obrigatória nos currículos escolares (p.83).

Nessa linha de raciocínio, e focando especificamente a questão da discriminação, incluindo o pensamento de muitos professores que também sentem rejeição diante do ensino da dança, é formidável compreender que a dança não é unitária, e, sim possível para todos os públicos.

Nessa conjuntura, pode-se inferir que a dança, enquanto prática motora, contribui, essencialmente, no processo de desenvolvimento geral da criança.

Em relação a isso, pode-se afirmar:

Expressar tem vários significados. Tem relação com o corpo, com a mente, a emoção, a sensibilidade e a capacidade de dar e receber. Pode-se dizer que, como disciplina educativa, possibilita ao aluno: a) manifestar de forma corporal e plenamente sua mente, suas emoções suas ideias (a nível individual); b) relacionar-se e integrar-se criativamente com os membros de seu grupo (nível grupal); c) aprender a desfrutar e manejar seu corpo como uma totalidade integrada. (BRIKMAN 1989. p. 22)

Dessa maneira, a criança agrega para si o autoconceito, auto realização e auto-confiança. Por meio das práticas e das experiências corporais, a dança oferece a oportunidade de: mover-se; aprender por meio de movimentos; ser criativo; aprender modelos rítmicos; descrever as várias relações espaciais; aprender padrões básicos de dança e combinar atividades de movimentos com a música, a arte, a ciência, a matemática e a linguagem artística.

Segundo Brikman (1989, p.76):

A expressão corporal se propõe, precisamente, a abrir caminhos e possibilitar a representação desse mundo imaginário. Por isso, além do desenvolvimento do corpo, devemos cuidar do desenvolvimento do imaginário. Assim, poderemos sentir e compreender as situações que nos são dadas na experiência e criar novas situações. Pensar e sentir fazendo é criativo.

Essa afirmação tem por entendimento a contribuição do papel do imaginário na expressão corporal. A imaginação, colocada na realidade, mobiliza uma atitude de busca criativa, presente no dia a dia na vida das crianças que a constrói: improvisar o estilo de gestos formados; utilizar passos inventados e expressões, na intenção de se comunicar; se reinventar; criar; fazer arte; ousar; ocupar espaço; educar; interagir com o outro e consigo mesmo, ou seja:

Compreender as habilidades do corpo através da dança é pensar que o corpo fala sobre si mesmo, que o corpo, por suas habilidades, constrói um fazer que especialize seu potencial. É entender que o corpo que dança habita o mundo e o espaço. Que ele mesmo é capaz de construir o seu repertório para realizar habilidades específicas que o tornem mais apto à ação (ROSA, 2000, p.68).

Portanto, de modo geral, a dança está presente na vida de qualquer pessoa. Mas, especialmente presente, na vida de quem atribui arte ao movimento que surge da mente, da criatividade, da representação que recria a vida, os sentimentos e as necessidades da sociedade.

A partir dessa breve história da dança podemos considerar que sua origem está relacionada, sim, a uma espécie de educação. Não à educação associada, diretamente, à escola. Mas, ao processo de formação fora dela: da educação não-formal. E, é a partir dela que pretendemos o nosso estudo.

2 POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: COMO SE DÁ ESSA DANÇA?

Para continuar é preciso que consigamos, inicialmente, definir o que estamos chamando, neste estudo, de educação não-formal. De acordo com o artigo "*Educação não-formal na pedagogia social*", publicado por Gohn (2006) em razão do I Congresso Internacional de Pedagogia Social realizado, no mesmo ano, em São Paulo:

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a

solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. Em suma, consideramos a educação não-formal como um dos núcleos básicos de uma Pedagogia Social.(GOHN, 2006,p.2)

Quando falamos da educação não-formal, compará-la com a educação formal é quase automático. O termo não-formal, em muitas ocasiões, é utilizado como sinônimo de informal. Entretanto, é importante que fique evidente que a educação não-formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações cotidianas.

Neste caso, pensamos a dança como instrumento educativo, a partir de espaços e ações cotidianas desenvolvidas no contexto da educação não-formal, tendo as políticas educacionais como elemento disparador desse movimento numa Organização da Sociedade Civil (OSC), por exemplo.

Sabemos que não basta que as políticas educacionais legislem, decretem ou regulem as questões inerentes à Educação, dentro ou fora da escola. Contudo, não se pode abrir mão delas.

Os Direitos Culturais aparecem, pela primeira vez, concretamente, na Declaração Universal de Direitos Humanos (1948). Eles se encontram devidamente normatizados na Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, como fator de produção da singularidade humana. Eles reafirmam a cultura como o que reflete o modo de vida de uma sociedade.

Nesse cenário é importante considerar a Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016, que altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), referente ao ensino da Arte. Segundo a alteração que dá nova redação ao § 6º, *“As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.”*

Através das artes visuais, dança, música e o teatro a escola consegue preparar melhor os alunos para serem cidadãos do futuro, potencializando essa formação do indivíduo frente às diversas culturas existentes na sociedade (BRASIL 2008).

Nesse sentido é importante considerar o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) que fiscaliza o exercício profissional relacionado às atividades físicas em suas mais diversas manifestações como, por exemplo: na dança, ginásticas, musculação, entre outros, buscando, sempre, trazer qualidade profissional e segurança para quem pratica esse tipo de atividade, conforme afirma Almeida (2007).

Contudo, também não se pode esquecer da Lei nº 6.533, de 24 de maio de 1978, que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Artistas e de técnicos em Espetáculos de Diversões, e dá outras providências. A referida legislação ampara artistas e técnicos que executam algum tipo de atividade de caráter artístico e/ou cultural e é regulamentada pelo decreto nº 82.385, de 5 de outubro de 1978, que normatiza a atividade dos profissionais que ministram dançam.

O que devemos entender é que tanto a Lei nº 6.533/78 tanto quanto a Lei nº 9.696, de 01 de setembro de 1998, que dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física, corroboram para a formalização da dança como exercício profissional.

Nesse cenário, é importante observar que a formação em dança e ensino dela estavam relacionados à artistas e/ou aos professores e/ou profissionais de Educação Física. A formação específica em dança, especialmente no Brasil, ainda é muito recente.

O primeiro curso superior de Dança no país começou a ser ofertado em 1956, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em 2017, quase 61 anos depois, ainda há uma série de questões acerca do reconhecimento desta faculdade: as diferenças em relação à formação técnica e o espaço de atuação do

profissional de Dança no mercado de trabalho brasileiro, por exemplo, são algumas delas.

No Estado do Espírito Santo, isso não é diferente. Nele, não há a oferta do Curso de Dança, na modalidade de bacharelado ou de licenciatura, tanto pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), única instituição pública do Estado que oferece formação na modalidade de ensino superior, quanto pelas faculdades capixabas da rede privada.

Contudo, a Escola Municipal de Teatro, Dança e Música Fafi, localizada no Centro Histórico de Vitória(ES), é a única escola pública que oferece, desde 1992, o Curso em Dança, modalidade equivalente ao Ensino Médio. Em 2014, a Fafi foi autorizada pelo Conselho Estadual de Educação (CEE) a oferecer curso técnico em Dança.

Apesar de algumas fragilidades, a dança vem conquistando cada vez mais espaço no Brasil e no mundo. Além disso, de acordo com Morandi (2006), ganha importância na vida das pessoas, não somente por ser um tipo de expressão corporal, de possibilitar uma maior interação social, mas também por contribuir com a saúde e a qualidade de vida das pessoas.

Essa nova visão, associada aos movimentos de classe, de alguma forma, contribuiu para que os governantes pudessem inserir a dança como componente ativo na formação humana passando a ser vista não só como atividade artística, mas também como arte (MORANDI, 2006).

Assim, com o passar do tempo, a dança foi ganhando relevância e tornou-se uma proposta educativa para as escolas, deixando ser vista apenas como elemento decorativo, presente nas festas, e sendo observada como um projeto de resgate de vida, valorização da cultura e como forma de proporcionar o pleno desenvolvimento do sujeito em todos seus aspectos.

Nessa visão a dança passa a ser vista legalmente como importante não somente como uma possível transformação do mundo, mas como instrumento para trabalhar o desenvolvimento pleno do indivíduo, sendo assegurado de forma curricular nas escolas (ROCHA, 2007).

De acordo com o autor a realização de projetos envolvendo a dança requer o incentivo e a participação dos nossos governantes, juntos às escolas, trabalhando em parceria para obter o sucesso almejado na proposta pedagógica da instituição.

No entanto os primeiros passos já foram dados e a conquista está acontecendo a cada dia, mas precisamos buscar mais conscientização por parte dos nossos legisladores que o ensino da dança não se resume apenas uma atividade física ou uma forma de ocupação, mas que a dança é parte integrante da formação do indivíduo (BRASIL, 1999).

3 PARÂMETROS CURRICULARES DE ARTES: A DANÇA COMO LINGUAGEM

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, a disciplina de Arte já é um componente curricular obrigatório da Educação Básica. No capítulo II – *Da Educação Básica* – no parágrafo 2º, do artigo 26, podemos ler: “o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Além disso, temos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de 1997. Os parâmetros foram elaborados pelo Ministério da Educação (MEC) para orientar o trabalho do professor. Cada disciplina que compõe o currículo, neste caso, do Ensino Fundamental, possui um PCN próprio.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs),

[...] constituem um referencial de qualidade para a educação, inclusive fundamental, em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual. (BRASIL, PCN, 1997, p.13).

Os PCNs, *voltados ao Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano*, foram divididos em áreas conforme a função instrumental de cada uma, possibilitando uma integração entre elas. Há os parâmetros para a *Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, Arte, Educação Física, História e Geografia*, todos separados em livros.

É no PCN de Arte (1997) que temos o lugar dedicado à dança. De acordo com o referido documento

[...] a atividade da dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade. (PCN/ARTE/1997, p.49).

Contudo, ainda que a dança seja reconhecida pelos PCNs como fundamental na construção do cidadão, ainda assim, ela não é totalmente compreendida, quanto à sua importância, na formação educacional, cultural, social e histórica do indivíduo dentro do espaço escolar (BRASIL, 1997).

Podemos observar que os próprios PCNs inserem a dança como uma forma de manifestação artística, como sendo intuitiva, emotiva, envolvendo o imaginário e fortalecendo a capacidade de interação e comunicação social, permitindo assim fazer não somente uso da memória, mas também da capacidade de interpretar, analisar, sintetizar e criticar (BRASIL, 1997).

Segundo os PCNs de Arte, o ensino da dança está diretamente ligado à capacidade de desenvolvimento integral do aluno, potencializando suas habilidades de observar e analisar através das experiências motoras e por meio do desenvolvimento expressivo. Através desses parâmetros se busca experiências dos movimentos corporais para que consiga assim construir uma relação e uma interação maior com o mundo, situando as relações estabelecidas entre corpo dançante e sociedade, se tornando um ser cultural e ao mesmo tempo artístico (BRASIL, 1997).

Dentro dos PCNs de arte, um conjunto de conteúdos está articulado. Eles, contudo, não seguem uma sequência obrigatória. Podem ser trabalhados com

flexibilidade e adequação. Três eixos norteadores organizam-no: a produção, que é o fazer em si; a fruição, que é o modo de apreciar; e a reflexão, que se trata da compreensão. Esses eixos se articulam na prática e fazem com que a conscientização e a percepção corporal se tornem mais visível e fácil de ser analisada (BRASIL, 1998).

Os PCNs de arte fazem com que a escola invista na dança como uma forma de expressão e comunicação, além de ser uma manifestação coletiva e como algo extremamente cultural, sempre respeitando as diversidades culturais, mas permitindo criar o livre acesso a essas diversas culturas existentes como forma de exercício de cidadania (BRASIL, 1998). Mas, como isso tem se dado na prática, na educação não-formal? É o que veremos na nossa próxima sessão.

3 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Este trabalho, de abordagem qualitativa, foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de campo, utilizando o método descritivo, buscando compreender a dança como instrumento educativo no processo de educação não-formal. Para isso, investigou um projeto social desenvolvido, por uma Organização da Sociedade Civil, localizada no município da Serra(ES), que tem a dança como elemento central.

A Organização da Sociedade Civil (OSC), foi fundada em 02 de abril de 2005 na cidade de Serra(ES). Seu objetivo principal é promover a cooperação técnica e financeira para a execução do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos junto a 200 crianças e adolescentes na faixa etária de 06 a 17 anos.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), para crianças e adolescentes na faixa etária de 06 a 17 anos, é um serviço da proteção social básica do Sistema Único da Assistência Social), regulamentado pela Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, conforme a resolução nº 109/2009 do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS).

Este serviço, ofertado de forma complementar ao trabalho social com famílias, é realizado por meio do Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias (PAIF) e Serviço de Proteção e Atendimento Especializado às Famílias e Indivíduos (PAEFI).

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) possui um caráter preventivo e proativo, pautado na defesa e afirmação de direitos e no desenvolvimento de capacidades e potencialidades dos usuários, com vistas ao alcance de alternativas emancipatórias para o enfrentamento das vulnerabilidades sociais. Deve ser ofertado de modo a garantir as seguranças de acolhida e de convívio familiar e comunitário, além de estimular o desenvolvimento da autonomia dos usuários.

Os usuários do programa são crianças e adolescentes entre 06 e 17 anos, encaminhados pela Proteção Social Básica (CRAS) e Proteção Social Especial (CREAS) com prioridade para as seguintes situações: a) crianças e adolescentes pertencentes às famílias beneficiárias de programas de transferência de renda (PBF, BPC e Pró-família); b) Isolamento; c) Trabalho infantil; d) Vivência de violência e /ou negligência; e) Fora da escola ou com defasagem escolar superior a 2 (dois) anos; f) Acolhimento Institucional; g) Cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto; h) Egressos de medidas socioeducativas; i) Abuso e / ou exploração sexual; j) Com medida de proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); k) Situação de rua; l) Vulnerabilidade que diz respeito às pessoas com deficiência.

Entre os objetivos do programa, constam: prevenir a institucionalização e a segregação de crianças, adolescentes, em especial, das pessoas com deficiência propiciando trocas de experiências e vivências; contribuir para o acesso aos benefícios e serviços socioassistenciais, fortalecendo a rede de proteção social de assistência social nos territórios; contribuir para o acesso a serviços setoriais – educação, saúde, cultura, esporte e lazer – contribuindo para o usufruto dos usuários aos demais direitos; possibilitar acessos a experiências e manifestações artísticas, culturais, esportivas e de lazer com vistas ao desenvolvimento da autonomia, acesso aos direitos e participação

cidadã e fortalecer vínculos familiares e comunitários através de intervenções conjuntas com a rede socioassistencial.

As ações executadas pelo programa são baseadas em metodologias que têm como intuito: prevenir a institucionalização e a segregação de crianças, adolescentes, em especial, das pessoas com deficiência propiciando trocas de experiências e vivências; contribuir para o acesso a benefícios e serviços Socioassistenciais, fortalecendo a rede de proteção social de assistência social nos territórios; contribuir para o acesso a serviços setoriais - educação, saúde, cultura, esporte e lazer - contribuindo para o usufruto dos usuários aos demais direitos; possibilitar acessos a experiências e manifestações artísticas, culturais, esportivas e de lazer com vistas ao desenvolvimento da autonomia, acesso aos direitos e participação cidadã e fortalecer vínculos familiares e comunitários através de intervenções conjuntas com a rede socioassistencial.

Para a coleta de dados, foram utilizados questionários estruturados com perguntas abertas. Além disso, observações também foram realizadas e, na sequência, registradas no diário de campo. As observações aconteceram no período de 04 de abril a 14 de junho de 2017, das 9h40m às 10h30m, no turno matutino; e, das 14h40m às 15h30m, no turno vespertino.

O intenção foi compreender a dança como instrumento educativo no processo de educação não-formal a partir da percepção de crianças, adolescentes e da pedagoga do projeto. Dez alunos, entre crianças e adolescentes, e uma pedagoga foram os sujeitos participantes deste estudo.

Os 10 alunos participantes, sendo sete do gênero feminino e três do gênero masculino, foram escolhidos de forma aleatória. A faixa etária do grupo está entre 12 e 14 anos de idade. Todos cursam os anos finais do ensino fundamental, de modo que: cinco, estão no 7º ano e cinco, no 9º ano – ambos são frequentadores da Oficina de Dança promovida pelo projeto social oferecido pela Organização da Sociedade Civil (OSC) da Serra(ES).

A oficina de dança tem como objetivo possibilitar para os usuários noções direcionalidade, espaço, tempo e contudo trabalhando a socialização de cada

integrante, buscando uma aquisição de habilidade e produção de seu protagonismo. Ela é oferecida durante 4 dias na semana, das 9h40m às 10h30m, para o turno matutino; das 14h40m às 15h30m para o turno vespertino. O instrutor da oficina trabalha com a dança referente à temática dialogada no planejamento da segunda-feira. As aulas da oficina são acompanhadas pela pedagoga da Organização.

Para serem inseridos no Serviço, as famílias dos usuários precisam passar pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Jacaraípe, onde buscam o encaminhamento. No CRAS é feita a sondagem de modo a perceber se aquela criança ou adolescente se encaixa nos requisitos para serem atendidas no Projeto, ou seja, se estão em situação de vulnerabilidade ou risco pessoal e social.

Os profissionais buscam, com a realização das oficinas, garantir aquisições progressivas aos usuários atendidos, de modo a possibilitar o desenvolvimento de aptidões e talentos que promovam a superação da vulnerabilidade vivenciada.

A Organização se mantém através de recurso municipal e por meio de doações advindas de terceiros. Contudo, o montante que recebe ainda não é suficiente para garantir pessoal para a oferta de outras oficinas, o que possibilitaria uma dinamização no atendimento. Dessa forma, as crianças e adolescentes passam durante a semana pelas três oficinas ofertadas pelos educadores sociais, sendo elas: Horta e Reciclagem, Expressão Artística e Expressão Corporal, que é onde se encaixa a dança.

Inicialmente, a intenção do questionário foi a de conhecer os motivos pelos quais esses estudantes participavam da Oficina de Dança. Por essa razão, a opção foi por manter as manifestações dos dez participantes, os dados que resultaram das participações deles no estudo, como veremos.

As afirmações foram as mais variadas possíveis. Contudo, fica evidenciada, em cada declaração dos sujeitos, que a participação no projeto se dá pelo princípio do desejo e não porque se sentem obrigados a fazê-lo.

Aluno 01 - Interessante.

Aluno 02 - Por que a gente tem horário para cada oficina.

Aluno 03 - Por eu gosto desse tipo de cultura.

Aluno 04- Porque gosto de dançar e porque quero conhecer e aprender mais sobre a dança.

Aluno 05- Porque eu estava e estou com vontade de dançar de me inspirar de me soltar e de movimentar o meu corpo.

Aluno 06- Eu vim para aula de dança, porque eu gosto de dança é uma coisa que eu gosto de fazer.

Aluno 07- Eu gosto muito de dança.

Aluno 08- Porque eu amo Dançar, e desde que eu entrei no projeto eu me apaixonei mais ainda.

Aluno 09- Porque eu me interesseo pela dança.

Aluno 10- Porque eu gosto e porque me interesseo.

Pelo que se observa é possível afirmar que a dança exerce uma forte influência no comportamento dos estudantes, podendo, sim, ser usada, tanto como elemento de socialização quanto de recurso, instrumento educativo.

De acordo com Souza (2015) a dança, de fato, é capaz de mobilizar as pessoas, proporcionando aprendizagens novas e criando possibilidades de socialização, capaz de transformar contextos. A dança enquanto um processo educacional, não se resume simplesmente em aquisição de habilidades, mas sim, poderá contribuir para o aprimoramento das habilidades básicas, dos padrões fundamentais do movimento, no desenvolvimento das potencialidades humanas e sua relação com o mundo. O uso da dança como prática pedagógica favorece tanto a criatividade quanto o processo de construção de conhecimento.

A segunda pergunta tinha como objetivo saber o que o aluno esperava participando das oficinas. Obtivemos as seguintes respostas:

Aluna 01- Coisa nova.

Aluna 02- Aprende sempre mais.

Aluna 03- Aprender a dança ritmos e dança.

Aluna 04- Espero aprender e conhecer mais, sei que isso pode me ajudar futuramente.

Aluna 05- Eu espero que eu aprenda várias coisas com danças certo e claro, aprender como se deve manter firme numa dança e etc.

(Eu participando dessa aula eu aprendo a dançar e aprendo também a conviver com as pessoas).

Aluna 06- Eu na verdade não espero nada profissional mais estou nessa oficina para aprender um pouco mais sobre a dança.

Aluna 07- Aprender passos que eu não sei, é ser dançarina profissional.

Aluna 08- Que eu saiba que não exista só um tipo de dança.

Aluna 09- Eu espero saber mais sobre a cultura e aprender mais.

Aluna 10- Conhecer a diversidade de danças.

Por meio das respostas dos entrevistados pode-se dizer que os alunos esperam das oficinas de danças um leque de possibilidades, mas entre elas aprender mais sobre a própria área.

A dança existe em várias esferas, e suas possibilidades de aprendizagem ultrapassam as salas de aulas. Sendo assim, pode se tornar até uma profissão futura (ROCHA, 2007). Logo, quando o interesse por conhecê-la é manifestado, temos uma grande oportunidade de contribuir com o processo de formação do aluno(a) interessado(a) o que faz com que a dança, como instrumento educativo, cumpra o seu papel.

Dando continuidade, queríamos saber, a partir dos(as) alunos(as), o que a dança proporcionava para eles(as).

Aluno 01- Aprendizagem.

Aluno 02- Estimula o corpo e aprendemos.

Aluno 03- Proporciona conhecimento da arte e da cultura fazendo com que eu possa expressar algo com meu corpo e agregar valor para minha vida.

Aluno 04- A dança proporciona para mim alegria, emoção, vontade de fazer alguma coisa, faz a minha mente ficar mais aberta.

Aluno 04- Alongamento, exercícios e alegria e eu aprendo a gostar de músicas que eu nem conheço.

Aluno 05- A dança proporciona pra mim um interesse muito grande pelas culturas da dança.

Aluno 06- Um eu vou aprender várias culturas e para mim é uma malhação.

Aluno 07- Mais interesse pela dança.

Aluno 08- Mais interesse de dançar.

Aluno 09- Melhorar minha forma de dançar.

Aluno 10- Ajudar a dançar melhor.

As respostas mostraram que a dança proporciona enormes contribuições para os alunos. Nesse sentido, Siqueira (2006) afirma que é um forte instrumento de ensino.

A quarta pergunta tinha como objetivo saber se o(a) aluno(a) gostava de dançar e por quê. As respostas obtidas apresentam-se abaixo:

Aluno 01- Me faz bem eu fico aliviada.

Aluno 02- Mais ou menos porque eu não gosto muito de dançar em público, pois tenho muito vergonha.

Aluno 03- Sim. Eu gosto de dança e divertido.

Aluno 04- Gosto de dançar porque amo cantar então acho que fez parte da minha paixão pela música acho que a música e a dança fazem parte dos meus sonhos e objetivos.

Aluno 05- Sim, por que me inspira e eu gosto de dançar e aprender vários tipos de dança.

Aluno 06- Sim gosto de dançar porque você abre a mente e eu danço porque me alegra e não é pouco.

Aluno 07- Sim eu amo dança. Eu me apaixonei pelos movimentos da dança.

Aluno 08- Sim, porque a dança me anima e levanta o meu auto estima.

Aluno 09- Por que quando eu era pequeno eu gostava de dança.

Aluno 10 - Eu gosto de dançar porque eu me sinto alegre.

Para Pereira (2007) é notável que a dança transformar as pessoas, podendo assim ligar aspectos pedagógicos aos sociais e, assim, proporcionar uma aprendizagem significativa.

A quinta pergunta queria saber se antes de participar desta oficina, o aluno já tinha praticando a dança e onde. As perguntas apontaram as seguintes respostas:

Aluno 01- Não.

Aluno 02- Sim na minha escola com a minha professora de E.d. Física.

Aluno 03- Sim. Em casa. Coreografia do youtube.

Aluno 04- Sim na escola e no próprio projeto mas tinha bastante tempo.

Aluno 05- Não, nunca pratiquei a dança.

Aluno 06- Sim em guaraná em uma instituição para crianças abrigadas nós dançávamos todos participavam e dançávamos até com o professor.

Aluno 07- Sim, eu dançava na escola e na igreja.

Aluno 08- Sim, em casa eu ligo o rádio e começo a dançar sozinha.

Aluno 09- Não, nunca.

Aluno 10- Nunca tinha praticado esta oficina.

Sendo assim, ao analisar as respostas, evidencia-se que a maioria dos(as) alunos(as) já tiveram contato com a dança antes de estarem no projeto, e ao participarem do projeto ampliaram esse gosto.

De acordo com Morandi (2006, p.23) “A dança na vida da criança deixou de ser somente uma formação artística, e passou a fazer parte do seu desenvolvimento como ser humano consigo mesmo, com o outro e com seu meio”.

A sexta pergunta objetiva saber o que o aluno já aprendeu com a dança.

- Aluno 01- Várias culturas.
- Aluno 02- Cultura e jeito diferente de dança.
- Aluno 03- Que existe dança de várias culturas.
- Aluno 04- Valores culturais e artísticos.
- Aluno 05- Eu já aprendi que devemos seguir o que a pessoa está ensinando pra gente no caso obedecer o que ele pede.
- Aluno 06- Vários tipos de culturas diferentes.
- Aluno 07- Antes de eu começa a dança eu achava que todos eram melhor que eu, mas isso mudou, com a dança eu aprendi que ninguém é melhor que ninguém.
- Aluno 08- Muitas coisas, muitos passos etc.
- Aluno 09- Que dança não e só mexer o corpo.
- Aluno 10- Aprendi muita coisa aprendi o valor da dança.

Pode-se evidenciar que os(as) alunos(as) já aprenderam uma diversidade de coisas com o projeto, mostrando assim, sua eficácia no âmbito social. Além de favorecer aspectos como criatividade, musicalidade, socialização e conhecimento da dança em si (MARQUES,2007).

A sétima pergunta tinha como intenção saber o que o(a) aluno(a) achava da oficina. Detectou-se o seguinte:

- Aluno 01- Legal mais não só um legal vários legal.
- Aluno 02- Interessante e legal.
- Aluno 03- Legal divertida e estimuladora.
- Aluno 04- Vejo a oficina como um meio de conhecimento e aprendizado nos permitindo expressar algo acho bem legal.
- Aluno 05- Eu acho uma ideia muito boa porque tem pessoa que gosta de dança.
- Aluno 06- Na minha opinião não é tão ruim mas também não e 100%.
- Aluno 07- Minha felicidade. A oficina de dança me ensinou muita coisa.
- Aluno 08- Oficina de dança é uma coisa gosto de ser aprender.
- Aluno 09- Que a oficina e muito boa eu estou aprendendo mais e mais.
- Aluno 10- É uma oficina legal e divertido interessante.

Percebe-se nas respostas que as oficinas, na visão dos(as) alunos(as), são de grande valor, podendo dizer que, hoje, elas são fundamentais para eles.

Para Batista (2000, p.45):

A dança é a arte que utiliza o corpo em movimento como meio de expressão, criação e comunicação. Ela é capaz de liberar sentimentos e emoções e, sobretudo, refletir manifestações culturais, transformando-se em linguagem social.

A oitava questão queria saber o que o(a) aluno(a) achava do professor/instrutor. Observou-se as seguintes respostas:

Aluno 01- Insistente.

Aluno 02-Super-interessante, legal, alegre, divertido.

Aluno 03- Legal e ele ajuda e ensina passo a passo.

Aluno 04- Acho o professor legal vejo ele não só como professor mas também como amigo que ajuda quer ensinar e não desiste fácil de seus alunos sempre querendo passar o que sabe para nós.

Aluno 05- Eu acho ele legal, muita gente boa, humilde, sabe falar com a gente certinho etc...

Aluno 06- Não sei com os outros, mas o educador e o que ele tem que ser amigo.

Aluno 07- Ele é um cara muito dedicado a tudo o que ele faz, ele tenta te ajudar ao máximo para que você possa aprender.

Aluno 08- É um professor muito amigável ele e muito legal.

Aluno 09- O que ele ensina muito e ele e muito legal.

Aluno 10- Gente boa e uma pessoa legal.

Pode-se depreender que a relação professor/instrutor e o grupo é uma relação saudável que favorece a realização das aulas ministradas na oficina.

O professor deve possibilitar o processo criativo, a autonomia e liberdade do indivíduo, permitindo ao educando articular uma relação mais próxima entre homem e a natureza, através da observação, sensibilização e experiências que estabelecem uma íntima relação entre os mesmos (BARRETO, 2004).

A última pergunta queria saber que sugestões os(as) aluno(as) daria(m) para melhorar a oficina de Dança.

Aluno 01- A questão não é o professor e a dança e si, pois os alunos que não se dedicam.

Aluno 02- Colocar músicas novas e mais alegres.

Aluno 03- Mais músicas e não as mesmas músicas e selecionar as músicas e mudar os passos (coreografia).

Aluno 04- Mais músicas e coreografias, estilos musicais diferentes e mais tempo para nos dedicarmos a essa oficina.

Aluno 05- Nenhuma, porque pra mim está perfeito.

Aluno 06- Na minha opinião não precisa mudar nada. Se mudar, estraga.

Aluno 07- Eu não posso dar muita opinião, porque nem todos os tipos de dança que eu gosto as pessoas que fazem a oficina gostam. Mas a minha opinião seria colocar mais músicas internacionais, forró e fitdance.

Aluno 08- Nenhuma, porque eu gosto do jeito que está.

Aluno 09- Que quem não dançasse não atrapalhasse.

Aluno 10- Que tivesse mais vezes e ensinasse mais passos difíceis.

Nesse sentido os dados coletados por meio da participação dos(as) alunos(as) evidenciaram a necessidade de algumas mudanças na oficina de dança. O que, certamente, precisa ser considerado pelo professor/instrutor e pela pedagoga que acompanha o projeto. Isso só reitera a dança como um rico instrumento de ação social que, na visão de Marques (2007) deve ser estimulado.

Além do(as) alunos(as) a pedagoga que acompanha o projeto também participou do estudo. Com isso, o objetivo era compreender a visão pedagógica acerca da oficina de dança. Nesse aspecto, revelou a participante:

Pedagoga: Compreendemos que as crianças e adolescentes nos dias atuais (sejam as atendidas no projeto ou não) privam-se de atividade diárias de locomoção do corpo, pois estão muito ligados ao meio virtual. Com isso, percebemos que com a realização da oficina de Dança há a possibilidade de melhoria da saúde no que diz respeito às articulações do corpo e ao desenvolvimento de diversas habilidades e capacidades, como a coordenação motora e superação de limites. Além disso, encontramos na dança a possibilidade dos usuários do Serviço descarregarem seus “estresses” diários, tendo em vista as muitas vulnerabilidades a que estão expostos.

A resposta da pedagoga evidenciou as vantagens do projeto de dança. Entre elas, destaca-se a vulnerabilidade em que os alunos estão expostos nas ruas. Então desenvolver um projeto com esse foco é proporcionar possibilidades de inserção social dos alunos.

Marques (2007) diz que dançar é uma das maneiras mais divertidas e adequadas para ensinar, na prática, todo o potencial de expressão de vida humana.

A segunda pergunta queria saber quais os objetivos da oficina de dança.

Pedagoga: Incentivar o protagonismo infanto-juvenil e autonomia, tendo em vista que contribuem para a montagem das coreografias; promover a socialização; proporcionar alegria e entusiasmo; promoção da autoconfiança; instigar o desenvolvimento da coordenação motora e noção de espaço.

Percebe-se, a partir de Pereira (2007), que a principal função das oficinas é o incentivo juvenil, podendo assim, estimular e melhorar a participação dos adolescentes em nossa sociedade, por meio de práticas inovadoras, nesse caso a dança.

A outra pergunta lançada baseava-se em saber quais critérios determinavam a participação do aluno na oficina de dança. A pedagoga respondeu:

Pedagoga: Não existem critérios para a participação do usuário na oficina de dança. Todos os grupos passam pelo educador, e dançam aqueles que desejarem.

O que se observa é que a dança não é imposta, e sim, proporcionada, de maneira democrática, àqueles(as) que desejam participar dela. Pereira (2007) aponta que a dança deve ser algo vivido e não imposto. O que nos leva a pensar que não existe critério para dançar, apenas vontade de fazer.

Dando continuidade à análise dos dados, interessa saber quantos(as) alunos(as) participavam da oficina de dança:

Pedagoga: 115 meninos, 85 meninas, tendo o total de 200 crianças e adolescentes. Os grupos são divididos por faixa etária, sendo: Grupo Amor de 06 á 08 anos, grupo Humildade de 09 á 11 anos, grupo Felicidade de 12 á 13 anos e grupo Gentileza de 14 á 17 anos.

Observa-se que as oficinas abrangem um grupo bem diversificado, tanto no aspecto do gênero quanto na questão da faixa etária, mostrando assim que é um universo que não está limitado a determinado grupo. Morandi (2006) diz que dança não tem idade para começar e nem terminar, mas sim formas diferenciadas de vivenciá-las.

Mas, como a instituição se organizava para atender a essa demanda? Comose dava a sua organização para a oferta da oficina? Quanto à isso, apontou a pedagoga:

Pedagoga: Temos um educador capacitado para atuar juntamente com as crianças e adolescentes na oficina. Semanalmente/mensalmente o educador ensaia coreografia de diferentes músicas, dentro da temática (que são realizadas através da escolha do educador ou da pedagoga) e aquelas a escolha dos usuários sempre orientados pela ideia de que não pode haver músicas de cunho ofensivo/ sexual/depreciativo. Só participam das danças aqueles que desejarem, tendo em vista que não são obrigados.

Percebe-se na fala da pedagoga a importância da capacitação do instrutor/professor para que o sucesso da oficina se dê. Vale ressaltar que nada é imposto, e a participação ocorre de forma voluntária.

E por meio dessa ação voluntária, utiliza-se a dança como meio de crítica social para o questionamento de valores preestabelecidos, padrões repetitivos e modismos (PORTINARI,1998).

Na visão da pedagoga a dança pode se constituir elemento capaz de colaborar com o processo de aprendizagem do aluno. Ela afirma:

Pedagoga: Entendemos que a dança favorece e muito o processo de aprendizagem, pois contribui para a criatividade, socialização, autoconfiança, contribuindo para a expressão e comunicação além de proporcionar mais animo a quem realiza a oficina na execução, além de proporcionar mais animo a quem realiza a oficina na execução de atividades básicas do cotidiano.

Observa-se, por meio de uma análise minuciosa, que a dança, como qualquer outro instrumento de ensino, vem proporcionar um rico aprendizado por meio da linguagem cultural que apresenta-se de forma subjetiva em todo o seu processo (RAMOS,1982).

Contudo, qualquer prática educativa, seja ela realizada na escola ou fora dela, exige acompanhamento e avaliação. E, como se avalia na área da dança? Quanto à isso, a pedagoga destacou:

Pedagoga: Realizamos semanalmente a avaliação e planejamento das atividades, onde são discutidos pontos positivos e negativos das atividades que foram realizadas ao longo da semana. A partir daí, são feitas orientações em relação às danças que serão realizadas, como que deve ser sempre observada as letras das músicas e a forma com que se dança, tendo em vista que o corpo "fala" por cada um.

Pedagoga e educador definem as danças que serão realizadas, levando-se em consideração a temática do mês. A ideia pode vir tanto de um quanto do outro, mas sua efetivação só se realiza no consenso. Na condição de pedagoga, o acompanhamento se dá por meio de avaliação com o educador e / ou crianças e adolescentes, algumas visitas (na maioria das vezes, pelo convite do educador) que são realizadas na sala de atividades e mostra de atividades onde são apresentadas as danças que foram feitas ao longo do bimestre. A avaliação da oficina de dança é realizada com as próprias crianças e adolescentes. Foram eleitos dois representantes de grupo no início do ano, que juntamente com os demais membros dos grupos, fazem uma avaliação ao final de cada mês das atividades e trazem essas avaliações para a equipe de trabalho nos dias de planejamento.

Nesse sentido, pode-se inferir que seu trabalho torna-se fundamental para o sucesso das oficinas. A questão pedagógica é essencial para processos desta natureza porque, evidentemente, eles são formativos.

Siqueira (2006) afirma que:

A dança é um meio quase ilimitado de aprendizagem. Mas o pedagogo deve orientar o professor a tomar cuidado ao trabalhá-la como conteúdo educativo: ele não pode, de maneira alguma, reforçar modismos, que geralmente são lançados pelos meios de comunicação de massa com intenção exclusivamente comercial. Ele deve alertar seus alunos sobre os interesses da indústria cultural para que seu trabalho não omita a existência dos estilos comerciais, mas desperte o senso crítico de seus educandos a respeito deles.

A representação que se tem da dança, especialmente por parte de quem atua com ela, é, em muitas ocasiões, fundamental para compreender a dança como instrumento educativo. Nesse aspecto, afirma a pedagoga:

Pedagoga: Acredito que a dança representa a cultura do povo, o que pesam, como se organizam, além de representar suas crenças, religiões e tradições. Se constitui com a identidade dos diferentes grupos. Para as crianças e adolescentes que atendemos, acredito ter o mesmo sentido, o de representar sua cultura, aquilo que conhecem. Além de ser uma forma expressar variedade, alegria, emoção, entre outros.

Nesse sentido, SOUZA (2015) diz que a dança traz consigo uma carga subjetiva muito grande ao representar crenças e culturas de forma distinta em seu processo de dar sentido a algo.

Contudo, há de ser pensada a relação entre dança e vulnerabilidade social. Segundo a pedagoga:

Pedagoga: Percebemos nitidamente em grande parte de nossas crianças e adolescentes o interesse a sopor músicas de cunho violento, o que nos faz perceber, como supracitado que isso se dá pelo fato de estarem diretamente expostos a violência e negligência.

Por meio da resposta da pedagoga, verifica-se uma preocupação. Para Morandi (2006), boa parte da vulnerabilidade presente na sociedade está apresentada na música, necessitando assim, mostrar que toda essa violência social pode ser modificada, por meio de práticas sociais que levem em conta mudança de posturas.

Assim, evidentemente, qualificar a oferta do serviço, no caso deste estudo, da oferta da oficina de dança, é algo que precisa ser perseguido. Os(as) alunos(as) participantes da oficina, de algum modo, sinalizaram para essa necessidade. A pedagoga, também tem uma contribuição nesse sentido.

Pedagoga: Precisamos mostrar aos usuários que a dança tem muito a contribuir com a formação da personalidade, e que dançar é muito mais do que fazer gestos, é transmitir sentimentos e emoções. Devemos apontar para os usuários através da dança e principalmente das letras das músicas que é possível uma realidade diferente de que estão inseridos. Escolher músicas de cunho reflexivo, e ensaiar coreografias de modo a não expor os corpos. Além disso, para a escolha das músicas, deve ser levado em consideração a faixa etária de cada grupo. O ideal para a melhoria da oferta, seria ter na oficina de dança apenas aqueles usuários que desejam participar, contudo, por conta da falta de recurso humano, isso não é possível.

Por meio da análise da resposta da pedagoga, pode-se dizer que ela acha que deve-se dar mais sentido à dança. Morandi (2006) diz que é preciso dar um significado à dança, e proporcionar uma reflexão não somente sobre os movimentos, mas sim sobre a realidade que o aluno está inserido.

Uma figura importante, da qual não se pode abrir mão neste processo, é o instrutor/professor. Ele, quanto atua em Organizações da Sociedade Civil (OSC), por exemplo, é conhecido como Educador Social. Interessou

compreender, a partir da pedagoga, como se dava a escolha desse profissional para atuar na instituição. Segundo ela

Pedagoga: Por meio da análise de perfil do educador e suas habilidades. Não é necessário que tenha formação, mas que já tenha administrado oficinas de dança.

O dado revela que a formação inicial em dança, não é pré-requisito da instituição para a contratação do instrutor/professor de dança. Mas, que ele tenha habilidades na área e experiências anteriores com a dança. Contudo, isso contraria o que Morandi (2006) defende uma vez que afirma que “para se trabalhar com a dança, precisa-se de formação inicial”.

De alguma forma, não reconhecer que para atuar como instrutor/professor de dança se faz necessária uma formação em dança, nos parece uma volta histórica. Ela precisa, sim, ser elemento importante na constituição dos critérios de contratação do profissional, independentemente dessa atuação se dar no campo da Pedagogia Social.

No caso deste estudo, o aluno-pesquisador também era o instrutor/professor, educador social, responsável por ministrar as aulas de dança da oficina em tela.

Disso, ficaram evidenciadas algumas questões que consideramos importante: o lugar da investigação no próprio processo de atuação. Isso, sem dúvida, contribui para que a reflexão seja capaz de qualificar a ação cotidiana.

Além disso, foi possível conhecer, de mais perto ainda, como se sentiam os(as) alunos(as) do projeto em relação ao que nele acontecia. No início, rejeição de certos estilos e gêneros musicais em função de suas preferências pelo Funk; depois, abertura para novos estilos e comportamento de curiosidade frente à descoberta de novas possibilidades.

Contudo, o objetivo sempre foi o de respeitar as singularidades e incentivar a mudança de postura para se criar pensamento crítico. Além disso, a música é um dos componentes importantes que dita o fazer de um dançarino.

Foi possível observar a necessidade de investir no conhecimento corporal buscando adquirir novas habilidades aumentando o potencial de cada usuário. No entanto, alguns integrantes do grupo tinham dificuldade de se posicionar frente à execução de movimentos individuais: dançar fazendo o solo livre de coreografias, por exemplo, pode contribuir para analisar um bloqueio nessa ação; falta de autoconfiança; vergonha; timidez, entre outras características e comportamentos. Durante a prática, a tentativa de abolir esses paradigmas é sempre presente.

Partindo desse pressuposto é necessário levar em consideração que cada indivíduo possui o seu próprio processo de aprendizagem e desenvolvimento e, nessa direção, a dança, como instrumento educativo, tem um papel muito significativo, como: melhoria no aspecto corporal; ampliação do repertório cultural; fortalecimento das relações sociais; qualidade de vida, de saúde, entre outros.

Para isso, são necessárias diferentes atividades, estratégias e metodologias: dinâmicas, individuais e em grupos; atividades lúdicas; tarefas em grupo; noção de tempo, e outras.

Gerenciar os conflitos, dentro e fora do grupo, buscando reafirmar o respeito ao outro e a harmonia nas relações, é sempre um desafio em cada passo da oficina. Mas, um desafio possível capaz de ser conquistado por meio da participação de cada um(a) dos (as) alunos(as) dançarinos.

Da experiência, é possível afirmar que são necessários alguns elementos: observação; estímulo; paciência; e comunicação incluindo o cuidado na abordagem com o grupo.

Sendo assim, ao finalizar esse tópico discursivo, percebe-se, na esteira teórica de Rocha (2007), que a dança é um instrumento pedagógico responsável pela transformação social, e que as oficinas são recursos que possibilitam mudanças significativas na aprendizagem dos educandos tanto quanto dos educadores.

4 CONSIDERAÇÕES

Ao finalizar este estudo evidencia-se a grande importância da dança dentro de projetos sociais, pois se apresenta de forma significativa como instrumento transformador da aprendizagem cognitiva e social. Para estruturar essa pesquisa buscou teóricos da área da educação como Brandão Marques e Pereira. Também foi necessária uma pesquisa de campo no projeto social na organização da Sociedade Civil (OSC) para afirmar esses estudos. Tal interesse se dá pela vivência que obtenho com Dança e as observações por meio das escolas como estagiário, pode-se observar a ausência da dança como instrumento de ensino nas instituições. Tendo como objetivo dessa pesquisa apresentar a relevância da Dança e as possibilidades que ela oferece para o desenvolvimento das relações interpessoais de estudantes do ensino fundamental II, que frequentam projetos sociais de uma Organização da Sociedade Civil (OSC).

Os teóricos presentes neste estudo contextualizaram a história da dança em nossa sociedade e as leis mostraram como ela se concretiza na prática em nossas escolas, bem como sua função no âmbito da aprendizagem dos alunos.

Levando em consideração o exposto, infere-se que a dança vem sendo utilizada pela humanidade como forma de manifestação cultural, gerando assim, conceitos simbólicos sobre determinados grupos que os passam de geração a geração.

Nesse sentido, cabe salientar que mesmo a dança estando presente nos diversos contextos de aprendizagem, ainda precisa de muito incentivo por parte dos órgãos que normalizam seu ensino nas instituições.

Sendo assim, concluir este estudo pode-se dizer que a dança é muito mais do que mera representação cultural. Ela é fonte de conhecimento e que deve ser estimulada em nossas escolas, em busca de aprendizagem contextualizada que objetivo, não simplesmente diversão, conhecimento. Trazendo então de

forma construtiva a relevância e as possibilidades que ela oferece para o desenvolvimento das relações interpessoais de crianças e adolescentes, suas concepções de mundo, adquirindo habilidades e aptidões.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C.M.C. **Referências culturais de professores e suas práticas pedagógicas.** In: XAVIER, M.E.S.P. (org.) *Questões da educação escolar.* Campinas: Alínea, 2007.

ARAÚJO, Siane Paula de. **A dança na escola.** 54 f. Monografia (Graduação) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009

ARGAN, G. C. **Arte e crítica de arte.** Lisboa: Estampa. 1988.

BARRETO D. **Dança, Ensino, sentidos e possibilidades na escola.** São Paulo: Autores Associados; 2004.

Batista, Soely Soares dos Santos. **Teoria Crítica e teorias educacionais: Uma análise do discurso sobre educação.** *Educação & Sociedade*, São Paulo, v. 21, n. 73, p. 182-204, dez. 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 28ª ed., 1993.

BRASIL. 1999. **LDB: lei de diretrizes e bases da educação: lei N.9.394/96 / apresentação Esther Grossi.** Rio de Janeiro: DP&A, 2ª.ed.

BRASIL. 2008. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9.394/1996** – Rio de Janeiro: Lamparina.

BRASIL. Lei nº 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**, de 26 de dezembro de 1996. Brasília, MEC, 1996.

Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte.** Brasília: MEC/SEF; 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: arte.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Educação Física. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. In *Proceedings of the 1. I Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2006, São Paulo (SP) [online]. 2006 [cited 03 July 2017]. Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=iso> . Acessado em: jun 2017.

MARQUES, L **A dança criativa e o mito da criança feliz**, *Revista Mineira de Educação Física*. 2007.

MORANDI CSD. **A dança e a educação do cidadão sensível**. In: Morandi CSD, Strazzacappa M. *Entre a arte e a docência: formação do artista da dança*. Campinas: Papirus; 2006. p.71-125.

PEREIRA, Sayonara. **Rastros do Tanztheater no Processo Criativo de ESBOÇO**. Tese de Doutorado – UNICAMP, 2007.

PORTINARI, M. **História da dança**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias**. São Paulo: Ibrasa, 1982.

ROCHA D, Rodrigues GM. **A dança na escola**. *Rev Mackenzie Educ Fís Esporte*. 2007; 6: 15 -21.

SIQUEIRA, D. de C. **O CORPO, COMUNICAÇÃO E CULTURA: a dança contemporânea em cena**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SOUZA, Jussara (Org.). **Dança: cotidiano e educação**. Porto. Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, 2015.